

# Estou indo para marte:

Identities transitórias de um  
artista-professor imigrante.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
INSTITUTO DE ARTES  
DEPARTAMENTOS DE ARTES VISUAIS

# Estou indo para Marte:

Identidades transitórias de um  
artista-professor imigrante.

Juan Alberto Chi Corvalán

Projeto de graduação apresentado ao  
Departamento de Artes Visuais do Instituto  
de Artes da Universidade Federal do Rio  
Grande do Sul para obtenção do título de  
Licenciatura em Artes Visuais.

Orientador

Prof. Dr. Carlos Augusto Nunes Camargo

Banca Examinadora

Prof. Dr. Rodrigo Núñez

Prof(a). Dra. Cláudia Vicari Zanatta

Porto Alegre 2023

## Agradecimentos:

Este projeto final se concretizou no decorrer do curso com a ajuda de vários professores nas suas respectivas disciplinas. Mas meu agradecimento especial vai para o meu orientador Carusto Camargo, por ter acompanhado atento e sido decisivo em suas intervenções para que eu pudesse evoluir nesse trabalho.

Dedico este trabalho de graduação a Maria Teresa Corvalán Huerta, a minha mãe, pois devido a sua luta e dedicação cheguei até aqui. Também dedico a minha companheira Ana Del Corona Maranghello , e ao seu filho Pietro Maranghello, agora minha família e meu porto seguro. E por último, em memória aos meus animais do passado, e os animais que estão comigo hoje: Sebastian, Pitoco, Dread e a Lala.

Sumário

RESUMO

ARICA – CHILE

A CHEGADA – BRASIL

O ENCONTRO

**Cavalinho de pau**

**Método Paulo Freire**

**Freire nas estrelas**

**Os cartazes**

A NAVE

PLANETA ESTRANHO

ESTOU INDO PARA MARTE

O RETORNO

## RESUMO

Este trabalho baseia-se em narrativas significativas e simbólicas de minha vida. Uma autobiográfica que problematiza os pontos conflitantes como estudante de licenciatura de artes: questões culturais, sociais e de minhas múltiplas identidades. Um trabalho investigativo aberto, onde as características das histórias de vida são consideradas como instrumentos de reconstrução da identidade deste professor-artista e não apenas como relatos factuais. Busco a reconstrução do meu eu e redefinir meu lugar social e suas relações com os outros. Neste percurso, buscarei um diálogo com Paulo Freire, com sua vivência pedagógica na sua passagem pelo Chile, quando o pedagogo conheceu a cultura e os problemas do povo Chileno.

## ARICA - CHILE

Num mundo de memórias, um passado guardado em mim. Lembrar e desnudar a alma, ir nos recôncavos do nosso ser, não é muito fácil. E muitas das vezes ao retornar desse passado fiquei em dúvida. Quem era aquela criança? Como que eu percebia o mundo? Quem era esse outro alguém?

Ando por cômodos e caminhos para fazer contato. E como um negativo de um filme velho que vai perdendo a imagem por causa do tempo devido ao excesso de luz, vou passando a fita repetidamente na minha mente, mas o tempo é cruel, sinto que muitas coisas foram esquecidas. Rememorar o passado e conhecer se mais de si.

Arica é uma cidade litorânea, banhada pelo Oceano Pacífico. Faz fronteira com Arequipa, cidade do Peru. É rodeada por uma paisagem rústica e desértica onde se encontra o deserto de Atacama. Apelidada da cidade da eterna primavera, por não chover quase nunca, teve uma chuva no século passado, mas não chovia há séculos. A prefeitura constantemente rega as praças, os parques e os canteiros de flores com caminhões pipas. Existe um morro central à cidade que acompanha a costaneira chamado de Morro de Arica, seu cartão-postal. Lá de cima, pode se ver toda a cidade, como também a paisagem desértica que a rodeia. O céu do deserto do Atacama é considerado um dos céus mais estrelados do planeta, devido ao fato de o clima ser muito árido, sem quase umidade. Condições ideais para seu observatório internacional. Andando pela avenida da costaneira sente-se um forte cheiro de peixe e maresia, ainda me lembro da névoa que vinha das ondas, que arrebatavam sobre as rochas, quando voltei por lá em 1987. A região traz muitos traços da cultura Andina, como as comemorações festivas da Endiabrada e da “Virgem de la Penã e o próprio artesanato vendido por toda a cidade. Foi uma época de pura magia que vivi no Chile até meus cinco anos. O contraste da cultura, a geografia e a luminosidade daquele país contaminaram o artista-professor que sou agora. Com a perda dessa cultura, carrego sempre um sentimento distante, observador e estrangeiro por onde quer que eu passe. As lembranças



do Chile, da minha infância, ficaram registradas como fosse um filme de uma máquina fotográfica. Minha mãe possuía uma casa de madeira de dois pisos, com um jardim central e um imenso álamo. Eu tinha histórias com esse álamo que nascia no meio daquela casa, parecia uma mini vila. A minha mãe arrendava quartos, era um meio de sustento. Por um tempo, abriu uma pequena mercearia, mas logo fechou por causa da crise e também pela constante instabilidade de segurança que sofria o país. A minha infância foi muito lúdica nestes anos que vivi em Arica. Inventava mil brincadeiras para me entreter, e sempre estava descobrindo coisas novas: Uma imagem que me vem sempre na lembrança era um raio de luz que vinha de fora e atravessava o vidro da janela do quarto, e batia na penteadeira em cima dos objetos de decoração que minha mãe comprava do Peru para revender: um gato preto com uma bola colorida, um casal de namorados se beijando, algumas esculturas de louça, entre outras coisas.

Eu ficava sentado em cima da cama a observar aquela resta de luz que cortava o escuro do quarto ainda dia. As partículas de poeira pairavam voavam dentro do raio de luz, fazendo uma grande coreografia. Sumiam quando saía do alcance da luz, depois apareciam quando entravam para dentro de novo, no foco de luz.

Um dos maiores medos que eu tinha era que, a lua pudesse cair em cima da minha cabeça quando saísse na rua para brincar de noite com meus amigos. Minha mãe sempre dizia que estava bem amarrada por um barbante, para que eu não me assustasse. E eu ficava escondido a olhá-la expiado, até me esquecer e resolver brincar com outras crianças. Até alguém me lembrar de novo, quando corria novamente para dentro de casa.

O grande Álamo (uma árvore enorme), eu imaginava que os pássaros que habitavam a sua copa fabricavam leite ninho. (talvez tivesse feito confusão ao relacionar a palavra ninho com a marca do leite em pó). E andava experimentando o pó branco que nascia no tronco da árvore.

O que mais me marcou naquela casa foi o lugar onde ela fazia o seu artesanato, repleto de materiais: resinas, pincéis, tintas, papel celofane, papel crepon, etc. Com vários tipos de flores resinadas de papel crepom. O cheiro forte da resina e da parafina, a textura do papel crepom, as cores, faziam dali um mundo encantado. Era um grande espaço dividido em três peças. Na

primeira, ela dava aulas para a comunidade, a segunda era indefinida e na terceira ficava guardado muitos materiais, sucatas de todo tipo. Muitas latas de restos de fábricas, como uma lata que parecia uma boca de jacaré bem afiada, preta. Devido ao perigo desses materiais expostos eu era impedido de frequentar estes espaços.

As casas em Arica são feitas de madeira. As mais antigas de adobe<sup>1</sup>. Como não chove, não existe telhado, somente o forro de “Eucatex”. E é bem comum as pessoas subirem para pendurar a roupa para secar. Esse mesmo forro é usado para dividir as peças internas.

Não há tempo sem um conceito de memória; não há presente sem um conceito do tempo; não há realidade sem memória e sem uma noção de presente, passado e futuro. (...) Memória é nosso senso histórico e nosso senso de identidade pessoal (sou quem sou porque me lembro quem sou). Há algo em comum entre todas essas memórias: a conservação do passado através de imagens ou representações que podem ser evocadas. (IZQUIERDO, 1989, p. 89)

Eu e minha mãe saíamos a caminhar pela periferia da cidade aonde ficavam algumas pequenas fábricas para recolher sucata. Para mim era como se fosse me embrenhar em mundos desconhecidos. Eram lugares mais isolados, não havia quase nada, com muita sorte podíamos ver um redemoinho de poeira para nos acompanhar. Para mim, eram terras distantes, e que a qualquer momento algum tesouro poderíamos encontrar (a minha mãe com certeza com suas histórias produzia aquilo). Em vez em quando, dávamos com a sorte de achar brinquedos nos latões de sucata dessas pequenas firmas. Certa vez achamos a carcaça de um brinquedo. Era um ônibus bem colorido de lata, predominantemente amarelo, novinho, lindo. Lhe faltavam somente as rodas. Para a minha alegria, que enchia os olhos, o moço dali dizia que era para tomar cuidado para não se cortar, mas poderia levar.

Certa vez, achamos uma grande pedra, no chão, parecia uma pedra preciosa, uma grande esmeralda, quase do tamanho da mão. Não era uma pedra de verdade, mas um pedaço de vidro bruto, de um colorido verde petróleo, que

dava várias tonalidades girando contra a luz. Ficávamos brincando com aquele pedaço de vidro.

O que vemos só vale - só vive - em nossos olhos pelo que nos olha. Inelutável, porém é a cisão que separa dentro de nós o que vemos daquilo que nos olha. Seria preciso assim partir de novo desse paradoxo em que o ato de ver só se manifesta ao abrir-se em dois. Inelutável paradoxo. (DIDI-HUBERMAN, 1998, pg. 29)

Ao andar por esses caminhos, catávamos pregos, pedaços de arames, qualquer coisa que pudesse nos servir, perdidos no meio daquela terra seca e árida. Morávamos longe do centro, os bairros eram chamadas de poblacion. Passando dos seus limites o que restava era um grande deserto e dunas num tom quase monocromático característico do Atacama. Arica recebeu o apelido “A cidade da eterna primavera” por sua luminosidade e seu céu aberto sem nuvens, a cidade que nunca chove. As chuvas por lá são raras, mas em algumas exceções, a precipitação pode causar fenômenos como os “desertos floridos”: a cada cinco ou dez anos, grandes áreas repletas de flores brotam nas regiões.



Arredores de Arica



Morro de Arica

Nasci no Chile, na cidade de Arica, em 1968, e morei por lá até meus cinco anos. Viemos para o Brasil devido ao Golpe Militar de 1973 que se instalou no país, e depois culminou com o assassinato do presidente da república Salvador Allende. Havia uma forte crise econômica e uma insegurança muito grande que assolava o país. Me lembro uma vez, que, militares entraram na casa da minha mãe, e arrastaram pelos cabelos um dos inquilinos que ela alugava o quarto da casa. Ele gritava, se debatia. Puseram-no no jipe e partiram, deixando a poeira pelo caminho. Se ele morreu? Não. Arturo se tornou gerente de uma empresa de ônibus da rodoviária.

Com a notícia do assassinato do amigo e médico do Centro de Madres Pátria Nueva, aonde minha mãe era presidenta, ela resolveu ir embora para o Brasil. Minha mãe me contava que os milicos chegaram na casa do médico e, perguntaram para os seus filhos aonde estava o pai. As crianças apontaram para o segundo piso. Subiram e metralharam ele no quarto, na frente da esposa e dos filhos.

Alguns sonhos de infância me vêm na memória. Sonho com o céu de Arica. Vejo naves espaciais feitas com lâmpadas coloridas sobrevoando por cima da casa, formando arabescos infantis (ainda posso ouvir o barulho das naves).

## A CHEGADA - BRASIL

Saímos do Chile pelo Norte (era único caminho possível para se sair do país). Atravessamos a Bolívia de ônibus no meio de muita chuva e desmoronamentos de terra, e a outra parte da viagem de trem (viajamos no famoso trem da morte) até chegar em Corumbá, Mato Grosso. A última lembrança do meu pai, antes de eu voltar para o Chile, foi dele ter ido se despedir na estação de trem (era o terminal) com sua mulher, e ter feito um bolo para mim. Vejo meu pai se distanciando enquanto o vagão partia, me abanava com o braço, junto com sua mulher, seu enteado pequeno, e o outro filho de colo, ao pé da linha do trem (era um trem de um vagão, parecia mais um bonde de viagem longa).

Chegando no Brasil lembro que chovia muito, e pegávamos um táxi. Eu extasiado observava a chuva bater por fora no vidro da janela do carro. Nunca tinha visto aquilo. Eram muitos trovões e relâmpagos. E fomos parar em São Paulo aonde moramos por oito anos na capital.

Chegar de mala e cuia numa grande cidade como São Paulo era uma experiência indescritível (o meu relato é de uma experiência de uma criança de 5 anos, que há uma lacuna de quase 50 anos, muitas coisas não posso relatar com exatidão). Posso imaginar o reflexo das luzes dos letreiros luminosos nos olhos daquela criança maravilhada com os arranha céus, e a noite iluminada de uma grande metrópole.



Desde muito pequeno comecei a desenhar. Soube disso por estórias contadas pela minha mãe, em que ela dizia que aos três anos de idade, já desenhava. Desenrolava os rolos de papel higiênico no chão e desenhava neles. Uma amiga diretora de uma escola notou meu “talento” para o desenho e resolveu fazer um teste comigo. Pegou um dos meus trabalhos e me inscreveu no concurso daquela escola, que nem matriculado estava por que tinha apenas 4 anos na época. No final do concurso classificaram meu desenho em primeiro lugar.

No Brasil, em São Paulo na 2ª série do 1º grau (equivalente ao fundamental nos dias de hoje) eu ensinava os meus coleguinhas a fazer desenhos da folha de caderno e depois montarem em 3D. No final, quase todos na aula usavam a folha do caderno e montavam seus carrinhos em 3D. A professora, uma senhora de idade de poucos amigos, não gostava muito, porque as crianças acabavam arrancando as folhas do caderno da aula. Esse fato se passou numa instituição que era uma espécie de um orfanato, um colégio católico interno chamado Cristóvão Católico. Lá ficavam crianças órfãs e muito carentes. Fiquei por lá pelos meus 7 anos há quase 9 anos. Mudamos para o Rio Grande do Sul em 1980, fui estudar no colégio estadual Presidente Roosevelt.

*Foi traumático estudar lá na minha 6ª série, sofri bastante bullying. Uma diretoria do colégio despreparada me colocou numa turma de repetentes, todos eram meninos mais velhos e, eu, como já estava atrasado um ano, pois retrocedi um ano devido a minha dificuldade da língua portuguesa, me colocaram na turma do terror. Uma contenção do que havia de pior no colégio numa turma só. O campo de concentração dos desordeiros para separar dos bonzinhos, uma higienização das outras turmas.*

No Brasil, minha mãe se virava nos trinta, sempre fazia artesanato como meio de sobrevivência: Esculturas de papel machê, botons, flores, entre outros. Ao mesmo tempo que eu acompanhava todo esse trajeto de artesanidade desenvolvia minha aptidão para a área das artes. A minha mãe sempre foi uma grande incentivadora para que eu seguisse artes plásticas. Me lembro que ela

comprava lápis de cor, goivas para trabalhar com madeira, pintura e revistas de como pintar a óleo, nanquim, lápis de cera, aquarela, barras de carvão, cadernos para desenho.

Minha mãe voltou para o Chile para resolver assuntos econômicos, e me deixou sobre tutela da ONU. Nas férias fiquei na responsabilidade de pessoas que eram ligadas a essa organização. Eu pousava em várias casas (me lembro uma vez que um casal me levou para ver uma peça de teatro e no final da peça me apresentaram os atores). Até encontrar uma pessoa que me marcou bastante que seria no futuro uma espécie de madrinha, Maria Camargo.

## O ENCONTRO – PAULO FREIRE

### ***O cavalinho de Pau***

No Chile, em Arica cada bairro (población) tinha um Centro de Madres, uma espécie de posto comunitário. O meu bairro chamava-se Población Patria Nueva. Lembro que a sede do Centro de Madre tinha uma dependência com muito artesanato e cavalos de pau. Tinha uma turma enfileirada de cavalos de pau na parede, um sobre o outro, fabricados com tecido de várias cores, e alguns com Pet Poá. Fiquei maluco com tudo aquilo, queria brincar com todos, e me deram um para brincar. Me levaram a visitar um prédio perto dali, estava quase por terminar, pois não tinha janelas e nem portas, e tudo era branco. Eu fui montado em cima do meu cavalinho.

O branco das paredes contrastava com a paisagem sempre muito desértica, refletia a luz que entrava muito clara pelos aposentos, e também entrava muita poeira com o vento. E eu corria pelas salas com meu cavalo de pau que ecoava a minha voz pelo prédio. Havia uma reunião neste prédio entre os moradores, camponeses, educadores e instrutores voluntários, conjuntamente com uma comitiva, que parecia ser governamental. E em certo momento me chamaram a atenção, pois estava atrapalhando o discurso do palestrante. E um senhor barbudo que estava discursando, de repente me chama para perto dele, passa a mão na minha cabeça, se agacha e pergunta meu nome e pede emprestado meu cavalo de pau por um momento. Eu lhe ofereci, e por um momento pensei que eu tinha abusado demais da sua confiança e era já hora de parar. Ou talvez, ele tivesse achado maravilhoso o tecido, a estampa e as cores do meu cavalo de pau. E a seguir, aquele senhor mostra aquele cavalo de pau para todos os presentes, e diz sobre a importância da resignificação das coisas:

Este brinquedo teve uma releitura ao fazê-lo. Pois era uma vassoura, e foi construído dentro da necessidade e olhar de cada um de vocês. E esse olhar que é significativo, pois parte da sua realidade



Mulheres e homens, somos os únicos seres que, social e historicamente, nos tornamos capazes de apreender. Por isso, somos os únicos em quem aprender é uma aventura criadora, algo, por isso mesmo, muito mais rico do que meramente repetir a lição dada. Aprender para nós é construir, reconstruir, constatar para mudar, o que não se faz sem abertura ao risco e à aventura do espírito (FREIRE , PEDAGOGIA DA AUTONOMIA; 1996 , pag 23)

## Método Paulo Freire

Marcela Gajardo (colaboradora de Paulo Freire no Instituto de Capacitação e Pesquisa para a Reforma Agrária, Santiago, Chile), descreve o começo e a trajetória de Paulo Freire no Chile, em entrevista no evento - Os anos no Chile na vida e na obra de Paulo Freire (Live-canal NEFI/UER). Relata que o Chile estava passando por duas reformas importantíssimas naquele momento (1964), uma foi a Reforma Integral de Educação Nacional e a outra a Reforma Agrária no governo de Frei Montalva. Naquele momento Paulo Freire encontrava-se no exílio, na Bolívia, e devido a um golpe de Estado naquele país vai para o Chile, convidado pelo Ministro da Agricultura Jacques Chonchol, para trabalhar no INDAP (Instituto Nacional de Desenvolvimento Agrário), formado em sua maioria por brasileiros vindos do Brasil após golpe. Essa equipe trabalhava profundamente com várias questões: sociais, econômicas e políticas dentro do processo da Reforma Agrária. E foi nesse ambiente que Paulo Freire deu início ao seu modelo de alfabetização para adultos. Durante a Reforma Agrária, muitos camponeses que tinham recebido a posse de sua propriedade de terra eram analfabetos, e havia uma necessidade urgente de serem alfabetizados e mudar como lidavam com as técnicas de plantio. As recomendações positivas do ministro Jacques Chochol, ao governo chileno, e o interesse no Método Paulo Freire implementado na cidade de Angicos (RN – Brasil), quando estava na Universidade de Pernambuco, possibilitaram sua atuação no processo de alfabetização desses camponeses.

Freire deu palestras para vários setores da sociedade chilena: para professores, políticos, autoridades, relatando a sua experiência do Modelo de Paulo Freire desenvolvido em Angicos (RN). Depois de adaptado com a cultura

Chilena e com o governo chileno, ele e sua equipe, sob a chefia de Waldemar Cortez, percorrem os assentamentos de camponeses e estabelecem pequenas parcerias por todo Chile, com o objetivo de conhecer seu universo cultural e suas palavras geradoras. Disso tudo, se criou uma cartilha chamada Método Psicossocial de Alfabetização de Adultos de Paulo Freire, e foi implementado na alfabetização de adultos.

### *Freire perto das Estrelas.*

Fico imaginando em que regiões do Chile Freire passou? A imensidão das montanhas com seus pequenos vales faz pensar o quanto somos ínfimos. E no deserto o tempo não passa, estático, é um retrato vivo. A paisagem é tão hostil que a própria NASA faz seu treinamento para ir a Marte no deserto de Atacama. Atacama o lugar mais seco do mundo. E é por isso que o seu céu é considerado o mais nítido do planeta, na região de São Pedro está localizado um dos maiores observatórios astronômicos do mundo. E pensar que Paulo Freire percorreu em cada rincão deste país, tão diferente do Brasil.

Paulo Freire chegou ao Chile em 64, numa sexta-feira em Arica minha cidade natal. Ficou somente um fim de semana, e depois partiu para Santiago.

Tinha vindo da Bolívia, país que tinha se exilado depois de um golpe de Estado no Brasil. Freire não tinha se acostumado com a altitude da capital da Bolívia, La Paz, e quando pisou no Chile disse a curiosa frase- “Finalmente oxigênio!”

Dias depois começou a trabalhar com Jacques Chonchol , no instituto de Desarrollo Agropecuario (INDAP). Estendeu suas atividades também ao Ministério da Educação. Colaborou com a Corporación de La Reforma Agraria (ICRA) (STRECK Danilo ; REDIN Euclides; Zirkoski José; 2008 pg 73 )

Conforme MONTECINOS, V. (1998) Eduardo Frei Montalva assumia a presidência em 1964, com a proposta de aprofundar as reformas estruturais no Chile. Na eleição de 1964, Montalva se apresentava como alternativa ao programa de esquerda. (Apud, ROJAS, p 51, 2014). E Freire chegava num país com vários anseios e com uma expectativa de uma transformação social, devido ao plano de Reforma Agrária e o plano da Reforma da Educação.

A passagem de Paulo Freire no Chile foi, não só importante para o Chile, mas para o mundo inteiro. Sua visão a respeito da didática de ensinar foi

revolucionária. No exílio no Chile ele teve que se adaptar com uma outra cultura, e mesmo com a distância de sua família e da saudade que lhe causava, teve o discernimento de perceber as coisas que aconteciam ao seu redor, no seu trabalho e no dia a dia. Mencionava que havia um distanciamento dos educadores extensionistas com o camponês, que o ensino tinha que dialogar com a realidade do camponês, com a sua cultura. Somente com uma educação libertadora, poderia ser agente do seu próprio espaço, e o seu destino.

A partir destes princípios começava a reescrever, e transformar os modelos de ensino, a mudar as relações do Educador (o agrônomo extensionista) com o camponês através de sua experiência e vivência.

Suas ideias influenciaram diversos processos democráticos e renovações pedagógicas nos sistemas educacionais de países das Américas, Europa e África, e seu princípio de diálogo e pedagogia da esperança, entregou uma visão transformadora e progressista do ensino, ao promover uma educação humanística, fortalecer a formação de cidadãos autônomos, inseridos em sua realidade social e dispostos a interferir e transformá-la” (ARAYA, Sandra/ INFANTE Maria. 2021)

Foi nessa experiência no Chile que escreveu seus principais ensaios e suas principais obras como: Educação como prática da liberdade (1967) · Pedagogia do oprimido (1968).

Grande parte da reflexão que deu origem à publicação de Educação como Prática da Liberdade e Pedagogia do Oprimido ocorreu enquanto Paulo vivia no Chile. Talvez por isso ele sentisse esse afeto tão especial pelo país. Foi nesse período que ele pôde revisar o que realizou com seu método, projetando-o até transformá-lo na concepção teórica e metodológica que inspirou parte importante do trabalho educacional com camponeses e adultos de setores marginais.” (ARAYA, Sandra/ INFANTE, Maria. 2021)

Esse processo de alfabetização e conscientização dos mais excluídos foi violentamente interrompido com o golpe militar de 1964 no Brasil. Depois disso,

Freire viajou para a cidade de La Paz em setembro de 1964, mas um golpe militar na Bolívia o levou a se estabelecer em Santiago do Chile, onde viveu de novembro de 1964 a abril de 1969. A situação sociopolítica vivida no Chile em sua estada de quatro anos e meio foram essenciais para estruturar seu pensamento político-pedagógico e lhe permitiram reestudar e sistematizar seu método (ÁLVAREZ, 2011).

Sua obra contribuiu para uma visão humanística, que até então, não se tinha conhecimento, principalmente quando se tratava da alfabetização para adultos. Conforme (ARAYA, Sandra/ INFANTE, Maria. 2021) as contribuições técnicas de Freire vão além de seu método de alfabetização e se aprofundam no contexto social e político dos camponeses, acredita numa educação libertadora, mais humana, num ser consciente do seu mundo para transformá-lo.

Paulo Freire questionava a relação do agrônomo (extensionista) com o camponês. Criticava o termo extensão usado nos planos de ensino chilenos naquilo que ele representava. O termo não dialogava com o camponês. Não havia comunicação. Descomprometido de qualquer humanismo, no sentido de pôr-se do lado do outro. Havia um distanciamento de autarquia e tecnicismo, que coloca o camponês num lugar de submissão.

Foi entender mais a fundo o significado semântico da palavra “extensão”<sup>1</sup> Descobriu que a palavra extensão significava estender algo a alguém. O conhecimento técnico a mais pessoas. Repassando as técnicas agrícolas aos camponeses, sem um senso crítico, subjugando-os. Estender o conhecimento num puro tecnicismo, sem ver a sua realidade de mundo. Na maioria das vezes, Paulo Freire, considerava esse repasse de conhecimento como uma invasão cultural, sem diálogo, com uma certa autarquia, não considerando os saberes da outra parte. Havia um sentimento de superioridade e distanciamento, de quem ensinava para quem recebia a informação.

“Paulo Freire nos mostra como o conceito de “extensão” engloba ações que transformam o camponês em “coisa”, objeto de planos

---

1 Assim eram chamados os planos de ensino no campo, e os agrônomos educadores de extensionista .

de desenvolvimento que o negam como ser da transformação do mundo (Chonchol, Jacques, 1968).

Acreditava que a persuasão como propaganda sendo o conteúdo, comercial, ideológico ou técnico, era sempre domesticadora e não libertadora. Tornava o camponês um objeto, sem senso crítico, e que na verdade, era necessário trabalhar a sua realidade e problematizá-la com intuito de que atuem criticamente sobre ela. Como educador, se recusa a “domesticação” dos homens, sua tarefa corresponde ao conceito de comunicação, não o de extensão. (FREIRE, 1983 )

Paulo Freire conseguiu perceber e ler a sociedade Chilena, mais que um Educador foi um verdadeiro humanista, conseguia destrinchar as causas dos males do sistema, porque sabia muito bem como funcionava com sua própria experiência que tinha no Brasil, lhe serviu como referência. Seu tempo de exílio fora do seu país lhe deu motivação para se compenetrar nestas pesquisas e no seu trabalho para amenizar a dor de estar longe da sua família. Soube perfeitamente interpretar, respeitar e sentir o pensamento popular, na sua pureza e autenticidade. Devia ter vivenciado e escutado muitas lendas, histórias, e crenças destes dois mundos de culturas tão diferentes. Mas com um ponto comum, o sofrimento da terra, do descaso e da pureza da alma do pensamento mágico.

No seu livro (extensão ou comunicação) dizia que o pensamento mecanicista do extensionista (educador), na hora do repasse do conhecimento técnico não poderia atropelar o pensamento mágico e credices do camponês, pois a sabedoria (a sua própria ciência) de cultivar a terra, e a sua realidade concreta estava diretamente ligada à sua própria cultura, a sua vivência. Em vez de invadir a sua cultura, Paulo Freire propõe em dialogar com esse pensamento mágico, esse rico saber e conhecimento popular. Pois ao contrário, este saber, sendo vencido pela cultura do invasor, haveria um sincretismo natural na maneira de agir, como uma forma de defesa (resistência).

Como substituir os procedimentos destes homens frente à natureza, constituídos nos marcos mágicos de sua cultura?

A resposta não pode estar na extensão mecanicista dos procedimentos técnicos dos agrônomos até eles. (...)

Ainda quando – e isto sempre ocorre – uma comunidade de pensar preponderantemente mágico é vencida pelos elementos culturais que a invadem, revela sua resistência à transformação que operam estes elementos. A defesa natural de sua forma típica de estar sendo se concretiza em expressões sincréticas (FREIRE, Paulo, p 19, 1983).

Para ele não haveria uma simples troca dos hábitos destas pessoas por novas técnicas sem levar em consideração a estrutura social, a sua própria linguagem, a sua cultura. E nisso, havia um equívoco no conceito extensão, porque ela só visava no tecnicismo, sem lidar com as outras realidades

Estamos convencidos de que, qualquer esforço de educação popular, esteja ou não associado a uma capacitação profissional, seja no campo agrícola ou no industrial urbano, deve ter, pelas razões até agora analisadas, um objetivo fundamental: através da problematização do homem-mundo ou do homem em suas relações com o mundo e com os homens, possibilitar que êstes aprofundem sua tomada de consciência da realidade na qual e com a qual estão (FREIRE, Paulo, p 21, 1983)

Muitos agrônomos colocavam em dúvida com esse tipo de modelo de educação. Achavam que o processo era demorado podendo afetar na economia, relatavam que os custos eram muito altos (FREIRE, 1983)

Para grande parte, senão a maior parte dos agrônomos, com quem temos participado em seminários em torno dos pontos de vista que estamos desenvolvendo neste estudo, “a dialogicidade é inviável”. “E o é na medida em que seus resultados são lentos, duvidosos, demorados”. “Sua lentidão – dizem outros –, apesar dos resultados que pudesse produzir, não se concilia com a premência do país no que diz respeito ao estímulo à produtividade” (FREIRE, p 29, 1983)

Segundo Freire, o indivíduo é um ser crítico e nunca se libertará se não questionar o mundo ao seu redor. A recusa do diálogo Freire entendia que era já uma herança da política latifundiária colonial, impregnada na verticalidade, que o poder da terra não estava somente na propriedade, mas na sua extensão, aos homens.

O legado de Paulo Freire a sociedade Chilena foi inquestionável e muito importante no tempo que ele viveu no Chile, no que diz respeito à alfabetização camponesa e à educação popular, que contribuíram para uma maior organização e participação dos setores mais esquecidos e negligenciados da sociedade (ARAYA, Sandra/ INFANTE Maria. 2021)

## Os Cartazes

Jacques Chochol (Ministro da Agricultura do governo Frei Montalva) relata que Paulo Freire chegou no Chile em 64 durante o processo da Reforma Agrária. Já se encontravam exilados brasileiros trabalhando para o governo chileno na época, como: Almiro Afonso, que dirigia pesquisas sobre os movimentos sociais chilenos, conjuntamente com outros pesquisadores. Paulo Tarso Santos, que havia sido Ministro da Educação na época de João Goulart e convidou Paulo Freire ao palácio presidencial para difundir os métodos de pesquisas. E Plínio Arruda Sampaio. Dentro dessa equipe Chorchol conheceu Paulo Freire, e o trabalho que andava produzindo. E é contratado por ele para integrar no INDAP(Instituto del Desarrollo Agropecuario). Freire durante os quatro anos e meio que trabalhou no Chile contribuiu de uma maneira muito importante e significativa, não somente a alfabetização campesina, mas a conscientização da sua realidade social.

Nos anos 60 havia uma preocupação muito grande de reforma estruturais na América latina, organizações como a FAO , OEA e a CEPAL , fizeram estudos sobre os problemas sociais nestes países que contribuiu para entender a realidade do que se estava vivendo. Com a revolução Cubana e a sua primeira ação, a Reforma Agrária, impactou o imaginário dos países latino-americanos de uma forma positiva. Somado com a promessa do presidente dos Estados Unidos (John F. Kennedy) de apoiar as Reformas Estruturais destes países, criou-se uma obrigação de governos de direita a mudar o sistema social a pedido dos E.U.A.. Jorge Alessandri, presidente chileno, promulgou a lei de

Reforma Agrária em 1958, muito a contragosto por ser um conservador de direita. Logo depois com a posse do governo de Frei Montalva (PDC), bem mais progressista, realiza-se essas reformas estruturais com profundidade. Necessitava-se então educar e sindicalizar o campesino pois a sua maioria vinha de uma visão colonial de compreender a terra, pouco produtiva, e a sua grande maioria eram de analfabetos. Com Paulo Freire se inventou um método de alfabetização de adultos, que foi muito gráfico. Se fazia reuniões de noite em distintas partes do campo, muitas vezes não se tinha luz. Colocava-se um projetor num lençol branco, e projetava-se as imagens. E juntos com os campesinos se discutia as imagens conjuntamente com os promotores. Ao mesmo tempo em que se discutia as imagens alfabetizava-se, e ia se tomando consciência da situação, e isso se espalhou por todo o país. A contribuição de Paulo Freire, foi fundamental, ele mesmo foi aprofundando seus métodos à medida que ia ensinando. Não somente usou seu método para campesinos, mas instituições e sindicatos, e outros setores governamentais.

Paulo Freire transitava em vários departamentos (CORA / INDAP / INCIRA/ MINEDUC) com muita desenvoltura, mesmo se tivessem funções diferentes, mas dentro da mesma proposta. Isso via que todos tivessem o mesmo foco e objetivo, dar suporte aos campesinos. Os círculos culturais eram compostos por promotores e campesinos, para encontrar as palavras geradoras para criar o material deste processo de aprendizado: cartilhas, cartazes, etc. Este método era chamado de Método Paulo Freire Psicossocial onde a imagem fazia a ligação com a realidade destas pessoas tornando-as críticas ao seu mundo.

Logo chegando em Santiago, em um jantar com brasileiros e chilenos, narrou sua experiência de alfabetização no Nordeste e projetou slides com as pinturas de Francisco Brennand para os círculos de cultura.

Francisco Brennand, fez uma sequência de desenhos das imagens utilizadas na Alfabetização de Adultos nos círculos de cultura quando Freire trabalhava no Nordeste. Cada desenho tinha uma mensagem emblemática, para serem problematizadas e debatidas em grupo com ajuda de um mediador. (SONIA COUTO SOUZA FEITOSA 1999).



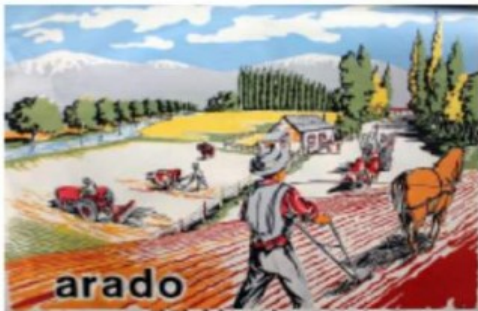
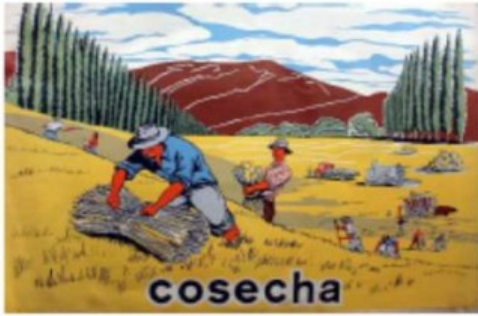


1- Reprodução guache -Francisco Brennand, 1960



2-Reprodução guache -Francisco Brennand, 1960

Paulo Freire trazia muitas lâminas de desenhos para projetar e fazer as reflexões com as palavras geradoras no seu curso, e assim podendo gerar um debate em torno de uma problemática trazendo essas reflexões. No Chile, Freire usou o mesmo método, e artistas chilenos fabricaram estas lâminas de desenhos. Ele preferia pessoas da mesma comunidade onde acontecia essas reuniões chamada de círculo cultural, para produzir seu próprio material.





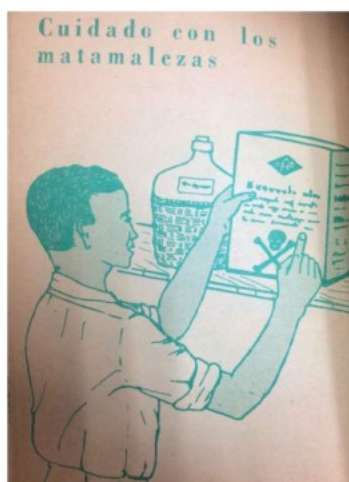
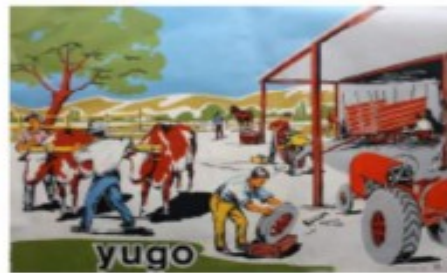


Ilustração de um trabalhador rural lendo o rótulo de um veneno. Aqui a alfabetização camponesa ganha uma conotação diretamente produtiva, atrelada à revolução verde. O INDAP recomenda: “ler bem as indicações dos recipientes e os folhetos antes de usar qualquer matamalezas” e “limite-se estritamente à dose recomendada nos rótulos”. Fonte: INDAP, *Cultivos sin malezas*, 1966d. (VASCONCELOS, 2020)

A seguir pinturas de artistas chilenos Paz Vial e Julio Zuniga, material que fazia parte do INDAP (Instituto de Desarrollo Agropecuario)

## Paz Vial



*La mujer campesina, de Paz Vial. Serie La Mujer Campesina (circuitos de cultura, INDAP). Fonte: Zúñiga, 2019: 165. Acervo pessoal de Carmen Aguiar.*



*La madre, de Paz Vial. Serie La Mujer Campesina (circuitos de cultura, INDAP). Fonte: Zúñiga, 2019: 166. Acervo pessoal de Carmen Aguiar.*



*La pareja campesina, de Paz Vial. Serie La Mujer Campesina (circuitos de cultura, INDAP). Fonte: Zúñiga, 2019: 172. Acervo pessoal de Carmen Aguiar.*



*La mujer, ser humano, de Paz Vial. Serie La Mujer Campesina (circuitos de cultura, INDAP). Fonte: Zúñiga, 2019: 170. Acervo pessoal de Carmen Aguiar.*



*La anciana, de Paz Vial. Serie La Mujer Campesina (circuitos de cultura, INDAP). Fonte: Zúñiga, 2019: 168. Acervo pessoal de Carmen Aguiar.*

## Julio Zuniga

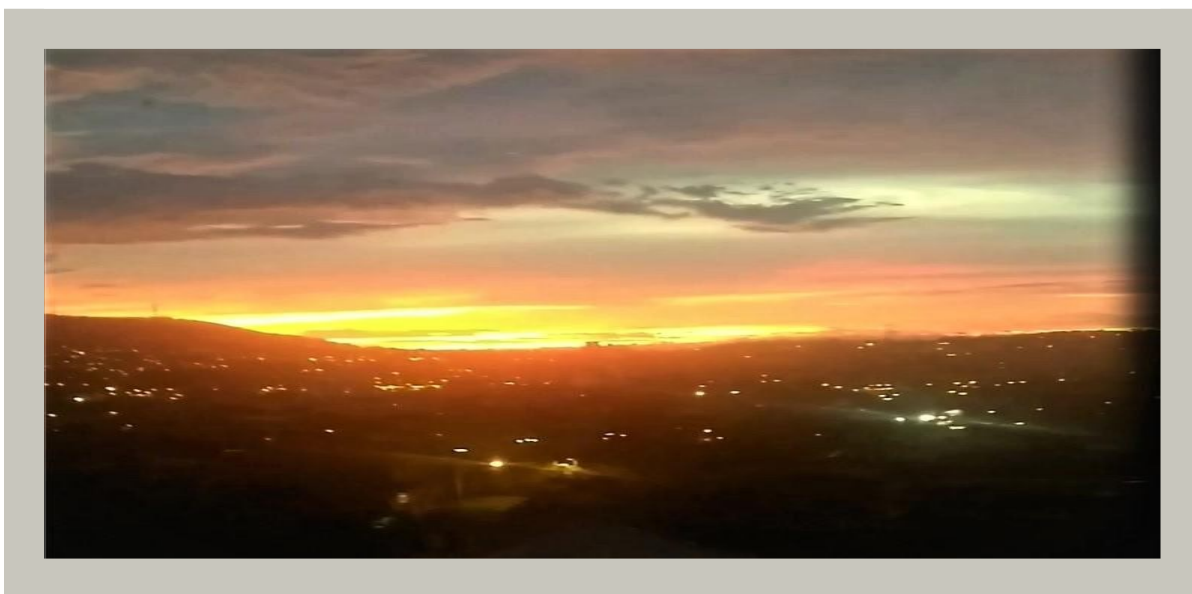


## A NAVE

Durante a pandemia fiquei na casa da Ana (minha namorada, agora minha companheira). Naquela época eu estava morando na Casa do estudante, e a orientação da direção da Casa era para todos irem para a casa dos seus familiares devido ao risco da contaminação com o vírus da COVID dentro do prédio residencial. Fui morar com a Ana, com o filho de 8 anos e a mãe dela que já era bem idosa, com Alzheimer. Nossos dias durante a pandemia eram bem estranhos, estávamos trancados e ilhados dentro de casa. Lá fora rondava o perigo, e nosso medo de não saber o que se passava com o resto do mundo nos deixava bastante aflitos, eram muitas notícias.

Estávamos vivenciando aquilo como fosse um filme apocalítico. Antes mesmo que a OMS recomenda-se usar as máscaras para se proteger, eu me adiantei e fui numa loja de tintas para comprá-las (eram máscaras para pintor). Me lembro que antes da compra dessas máscaras, fizemos das garrafas pet de Coca-Cola duas máscaras para ir ao supermercado, e tentar estocar comida. Todos estavam com medo da nova onda do vírus, e nosso medo, fez a gente sobreviver e dar outro ritmo a nossas vidas. No início parecia que vivíamos dentro de um filme apocalítico: Day After, ou a Invasão Zumbi. Meu espírito era esse, nada parecia que era real, estávamos numa distopia. Não saímos para a rua por nada nesse mundo. E para ficarmos entretidos e informados tínhamos a TV a cabo e a internet. Éramos 4 pessoas naquela casa, na realidade eram duas casas: A casa da mãe da Ana, que ficava na frente, e a outra nos fundos, que parecia uma torre, com três pisos. As duas ficavam em cima de um morro, e assim, pareciam mais imponentes do que realmente eram, com uma vista linda que dava para ver todas as casas a sua volta. Para passar meu tempo e minha ansiedade comecei a compor e editar, e fiz um vídeo de uma música. O tema era sobre uma viagem a Marte. Literalmente entrei numa viagem, eu via naquela casa (a casa da Ana) uma nave, um foguete (a pequena torre). O meu computador ficava em cima de uma porta de roupeiro velha sustentado por duas caixas de maçãs, sentado confortavelmente numa cadeira de praia, iniciava no improviso a minha criação, era o meu estúdio.

A peça aonde eu estava era no último andar, toda envidraçada. Entrava luz de todos os lados, como fosse uma sala de comandos de uma nave. Dali dava para ver uma grande parte de Porto Alegre. A vista, como tinha dito antes, era lindíssima. Eu podia ver vários morros: do outro lado e de frente ficava o morro da Tuca; mais atrás Glorinha; e mais ao lado o Morro Santa Teresa, (acho eu). No meio de tudo isso estava a Avenida Ipiranga, sendo uma grande planície com seu arroio desembocando no Guaíba. (um grande Delta, como o Delta Jezeiro de Marte). Todo fim de tarde era um espetáculo à parte, o lindo pôr do sol se revelava. As vezes num vermelho intenso, tornava todo o céu avermelhado. A luminosidade refletia nas vidraças dos prédios ao longe e também nos vidros da minha janela. E dependendo do horário mudava de tom, para um dourado. E lá no fim do horizonte, com muito esforço, podia ver um filete do rio Guaíba. Muito desse pôr do sol de fim de tarde me inspirou para eu me transladar para um outro “planeta”.



Vista de cima da casa.

## PLANETA ESTRANHO

A terra um grande planeta, agora se tornava um planeta estranho. Lá fora havia um vírus que se disseminava rapidamente, ele estava chegando no RS num inverno intenso. Foi nesse clima que comecei a produzir o vídeo da música – ***Estou indo para Marte***. Um planeta que não nos queria mais lá. Naquele momento muito se falava do Rover Perseverance e de Marte. Era uma espécie de robô que ia viajar por 7 meses ao planeta. Sua missão era coletar assinaturas de vida e outras pesquisas; Uma delas era pesquisar a atmosfera: era um mini helicóptero chamado de Ingenuity, ele tinha a missão de fazer pequenos voos na atmosfera rarefeita. Vimos o seu lançamento ao vivo, até chegar ao planeta vermelho. E neste momento fomos também rumo a marte (o sentimento era esse).



Cena do vídeo clip - Estou indo para Marte.



## ESTOU INDO PARA MARTE

O dourado avermelhado da luz do entardecer que se espalhava no céu, nas nuvens e nos morros dessa grande paisagem, me inspiraram para imaginar que estava noutro planeta. Comecei a produzir um vídeo clip que falava de viajar para Marte, “Estou indo para Marte”. Fiz tudo improvisado: o figurino, a gravação da música e o vídeo. Peguei duas mochilas pretas, velhas e fiz delas dois capacetes da roupa espacial. As luvas eram aquelas que se usam para limpeza de cozinha. As duas jaquetas de nylon e as calças, na cor preta, eram que faziam o traje espacial. Em um dos capacetes coloquei uma lanterna de emergência de led, e no outro, a lanterna de um celular. Iluminavam o interior dos capacetes dando um ar futurista para as imagens. Para fazer as cenas de Marte, usei o fundo de uma piscina de plástico azul, que cortei para fazer o Chroma Key. Na gravação da música, fiz uma cabine para gravar a voz, com uma arara de roupas, uma cadeira e cobertores. As cenas foram capturadas de dentro da própria casa como fosse realmente uma nave espacial. Utilizei muito a escada caracol que era de metal e a sala envidraçada do último andar. A escada representava o acesso a outros compartimentos da nave, e o último andar sendo a sala de comandos. Enquanto gravávamos o vídeo, acompanhávamos na televisão e a internet a jornada do Rover Perseverante indo para Marte.





Vídeo clip - Estou indo para Marte.

Cena- Escadaria da Nave



Vídeo clip - Estou indo para Marte.

Cena- Chegando em Marte



Gravando a cena dentro da nave em Chroma Key



Gravando a cena – Homem no espaço



As luvas de limpeza de cozinha

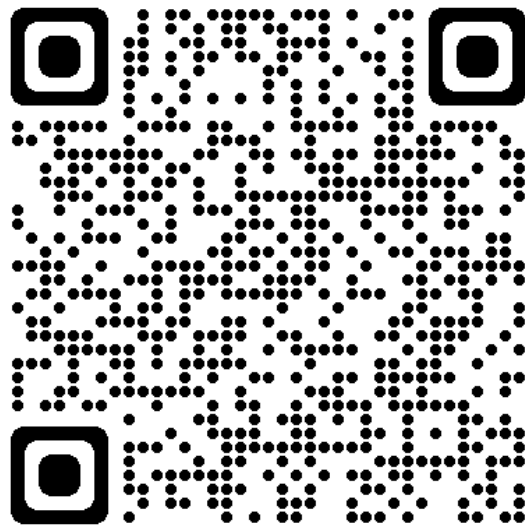


Vídeo clip - Estou indo para Marte.  
Cena: Sala de comando da nave



Gravando a cena” Viajando para Marte”.

QR CODE -VÍDEO - ESTOU INDO PARA mARTE



## Rencronro

A arte nos remete a lugares que nunca existiram, ou existem, quando passa a ser pensamentos.

Quando falam na TV em que ano o homem vai a Marte, eu olho para a Ana e digo- Nós já fomos né!?- e ela responde que sim.

Todo o processo criativo desse trabalho nos colocou lá. É como tivéssemos de verdade viajado para Marte. E voltamos para casa, à nossa nave.

As memórias também são mundos que sobrevivem dentro de nós, universos com galáxias, planetas e estrelas, que somente nós conhecemos. A viagem para Marte não sei se significa uma fuga para resolver todos os meus conflitos, ou foi a questão do momento por causa da pandemia. Mas foi o meu retiro. Todo dia via do alto da nave o entardecer, o por do sol do rio Guáíba parecia que também se trasladava para aquele lugar mágico, as vezes dourado, outras com um céu todo avermelhado, podia sentir a energia daquele planeta vermelho, seus morros, a plenitude da imensidão.

As memórias, retalhos de uma vida que, sobrevivem, mesmo ter passado tantos anos, e intempéries, e elas estão ainda lá. Os universos de cada um são construídos por essas memórias afetivas e passagens de vida. E se transformam em saberes. Cada um de nós tem algo para compartilhar. Freire., trabalhou muito isso, com o universo de cada pessoa, o respeito a outras vivências, não violar o pensamento mágico, compartilhar conhecimento para gerar mais conhecimento. Ser o mediador de mundos tão diferentes e poder entendê-los. Sou um poço de dúvidas e saberes de minhas vivências, minha viagem a marte é muito mais que um lugar, é a procura de um conforto.

## Bibliografia

IZQUIERDO, Ivan. Memórias. Scielo, 22 Mar 2006

DIDI-HUBERMAN, Georges, O Que Vemos, O Que Nos Olha, 2ª Edição, São Paulo: Editora 34, 2010

STRECK Danilo , REDIN Euclidesm, Zirkoski José; Dicionário Paulo Freire, Belo Horizonte, Editora Autentica, 2008

ROJAS, Felipe, OS AGENTES DA ECONOMIA CHILENA: OS PERFIS DOS CHICAGO BOYS E OS MONGES DA CIEPLAN, Revista Eletrônica de Ciência Política, vol. 5, n. 1, 2014.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da Autonomia. 18ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

CHONCHOL Jaques. Extensão e Comunicação Popular Segundo Paulo Freire, Santiago, 1968,

FREIRE, Paulo. Extensão ou Comunicação, 8ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 1983

ARAYA, Sandra. INFANTE Maria. Paulo Freire em el Chile Contemporâneo: Enfretando el Miedo a la Libertad. Ocird, 20 ago.2021

FEITOSA, Sonia MÉTODO PAULO FREIRE Princípios e Práticas de uma Concepção Popular de Educação, FE-USP, São Paulo - 1999

[Os anos no Chile na vida e na obra de Paulo Freire - YouTube](#)

[ENCONTRO #3: PEDAGOGIA DO OPRIMIDO - EXÍLIO NO CHILE E INFLUÊNCIA NA AMÉRICA LATINA - YouTube](#)

Fontes de fotos- INDAP( Instituto del Desarrollo Agropecuario/ Chile)